



## **JORNAL DA POPULAÇÃO DE RUA E NÚCLEO DE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO POPULAR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA<sup>1</sup>**

Prof. Dr. Toni André Scharlau Vieira<sup>2</sup>

Franciele Petry Schramm, Giulia Fontes e Mario Helder Teixeira<sup>3</sup>

### **Resumo**

Este artigo é o relato de experiência e trabalho que o Núcleo de Comunicação e Educação Popular (NCEP/UFPR) está realizando com o Movimento Nacional da População de Rua (MNPR), que tem por finalidade a criação e produção do jornal impresso A Laje. O jornal, produzido pela própria população de rua com o auxílio do NCEP, tem por objetivo a luta por direitos a essa população. Para isso, o jornal busca retratar a realidade dos moradores de rua em Curitiba, mostrando as dificuldades e o descaso a que essas pessoas são submetidas.

### **Palavras-chave**

Movimento Nacional de População de Rua, educomunicação, jornal impresso, comunicação popular

Um dos aspectos fundamentais para a conceitualização do que é mídia cidadã é o vínculo que ela tem com o exercício da cidadania ou com o apoio aos movimentos que buscam produzir visibilidade social a grupos estigmatizados ou marginalizados. Dentro desse princípio, o trabalho de apoio a parcelas significativas da sociedade que não possuem voz ou que tem dificuldade de fazerem ver e ouvir é um dos fundamentos da mídia cidadã.

O Movimento Nacional de População de Rua é um movimento social existente desde 2004. Antes disso já havia ativismo, mas não de forma organizada, buscando representar essa parcela da população. Ele é composto por pessoas em situação de rua ou que já estiveram em situação de rua, e tem como objetivo lutar pela conquista dos direitos a essa população. O

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na modalidade Relato de Experiência na IV Conferência Sul-Americana e IX Conferência Brasileira de Mídia Cidadã.

<sup>2</sup> Jornalista, Professor Doutor do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Paraná (DECOM-UFPR) e coordenador do Núcleo de Educação e Comunicação Popular (NCEP), toniandre@gmail.com.br

<sup>3</sup> Alunos do Curso de Jornalismo da UFPR e bolsistas do NCEP



Movimento está presente no Paraná desde 2007, tendo realizados ações como Fóruns Permanentes, Oficinas, capacitações e encontros artísticos.

Nos estados em que a luta da população de rua está mais consolidada, há jornais impressos voltados a esse público – alguns até mais antigos que o MNPR – como o Trecheiro, de São Paulo, o Boca de rua, de Porto Alegre, e o Aurora da Rua, de Salvador. Com a consolidação do Movimento no Paraná, sempre houve, conforme relatam alguns representantes do MNPR no Estado, a vontade de se criar um jornal voltado à população de rua do Paraná.

O desejo do jornal pôde ser realizado através do contato do Movimento com o Núcleo de Comunicação e Educação Popular da UFPR (NCEP), projeto de extensão existente desde 2003, que tem como um dos objetivos auxiliar movimentos sociais na criação de canais de comunicação.

Desde o contato inicial do NCEP com o MNPR foram produzidas, de novembro de 2010 até março de 2012, 14 edições do informativo “A Laje – a voz do povo da povo”, que é feito colaborativamente entre a população de rua de Curitiba, o Núcleo, e outras entidades apoiadora do MNPR-PR.

### **Formas de atuação**

O NCEP procura trabalhar através de parceria com as entidades envolvidas, cuja demanda é encontrada, geralmente, pela procura da própria entidade em que se deseja fazer o trabalho de Comunicação Popular. No caso em questão, a parceria foi formada através do contato de uma graduanda do curso de jornalismo, que fez um trabalho de conclusão do curso sobre mídia e população de rua, com o MNPR. A orientadora da aluna, a professora Kelly Prudêncio, então vice coordenadora do NCEP, sabendo da vontade do Movimento em criar o jornal, marcou uma reunião entre o NCEP e o MNPR em setembro de 2010. Nesse encontro decidiu-se que o NCEP se reuniria semanalmente com o Movimento. Os ativistas do MNPR reuniam-se todas as quartas. Nessas reuniões foi criado um ponto de pauta específico destinado à criação e manutenção de um jornal.

Dessas reuniões faziam parte o líder do MNPR no Paraná, a população de rua, e representantes de entidades que apóiam o MNPR, como o Instituto de Defesa dos Direitos



Humanos (IDDEHA), a Terra de Direitos e o Ministério Público do Paraná. Durante cerca de um mês, foi discutido como seria o jornal, questões relativas a formato, temas, nome, etc. O nome “A Laje” foi escolhido através da consulta que um morador de rua, integrante do MNPR, fez com a própria população de rua.

Entre as pessoas em situação de rua a gíria “estar na laje” é muito usada. Ela significa estar em uma situação ruim (não ter lugar para dormir, por exemplo, é estar na laje). Em relação ao formato, a ideia original era de um jornal com várias páginas, mas devido à questão dos recursos e de divergências quanto a possibilidade de se obter patrocínio, decidiu-se fazer o jornal de uma forma que ele fosse viável: uma folha A4 frente e verso em preto e branco, cuja impressão seria feita pelos apoiadores do Movimento, com periodicidade mensal.

No início de novembro, estava pronta a primeira edição de “A Laje”, cujo tema central, definida pela população de rua que participava das reuniões, foi a apresentação do Movimento Nacional de População de Rua, contando sua história, eventos já realizados e algumas conquistas.

A forma de construção do jornal permanece semelhante: são reuniões semanais em que são definidos os temas, distribuídas as tarefas e revisados os textos prontos. Os textos, que no início do projeto eram escritos em sua maioria pelos apoiadores e membros no NCEP, hoje são escritos pelos moradores de rua individualmente ou em conjunto durante as reuniões. As pautas (temas do jornal) são levantadas durante as reuniões pelos participantes. O tema do editorial e o conteúdo do texto são levantados durante as reuniões e escritos por um integrante do NCEP, sendo revisado pela população de rua durante a reunião. As figuras e fotos, pensadas pela população de rua durante as reuniões, são tiradas e desenhadas por pessoas que às vezes não tem envolvimento direto com o jornal. Há um espaço no jornal chamado “arte da rua”, que é constituído de poemas escritos pela população de rua, que são levados pelos próprios autores ou coletados por algum morador de rua que participa das reuniões do jornal. A impressão é feita por alguns apoiadores do MNPR; o número de exemplares varia de mês em mês, girando em torno de mil. A distribuição é feita pela própria população de rua, de mão em mão, e a diagramação e revisão fica a cargo do NCEP.

As reuniões são conduzidas por três integrantes do Núcleo. Nos encontros, tenta-se conduzir as ideias visando ter o mínimo de influência possível sobre elas. Para isso, utiliza-se



do questionamento, da problematização – perguntas como: o que vocês querem abordar nessa edição do jornal? De que forma? Poderiam ter imagens ilustrando a matéria?

Em uma breve análise do conteúdo das primeiras sete edições produzidas, encontramos: divulgações de eventos do MNPR (fóruns e seminários); divulgações de serviços de assistência (como o *disque-denúncia – #100*, que começou a funcionar durante o período de execução do jornal, sendo interessante sua divulgação); poesias na seção de arte; editoriais produzidos conjuntamente com a população de rua; denúncias de abusos, maus tratos e violência; críticas e sugestões quanto as políticas públicas; textos sobre o preconceito; matérias relativas à situação da população de rua em outras cidades paranaenses; entrevistas com militantes do Movimento e com outras figuras públicas.

O NCEP procura em seus projetos, além da parte relativa à extensão, produzir conhecimento referente às atividades envolvidas. O histórico desse trabalho já se configura como um importante relato da luta social paranaense. A ideia é transformar as informações em artigos e um memorial que possa resgatar a história do movimento.

### **Considerações finais**

O NCEP, em todas as suas parcerias, procura trabalhar visando a autonomia do grupo envolvido, ou seja, para que o trabalho possa continuar no futuro sem a interferência do Núcleo. Esse ideal foi levado em conta no início da parceria com o MNPR, sendo que a ideia, após a criação do jornal, seria a realização de oficinas de capacitação (sobre texto, fotografia, diagramação, etc) para o jornal ser totalmente produzido pela população de rua.

Embora essa proposta já tenha sido sistematizada pelo Núcleo, a execução ainda não foi possível por motivos como infra-estrutura, mas principalmente pelas especificidades da população envolvida, entre os exemplos, a dificuldade dos moradores de rua para se manterem no projeto. A população é repleta de peculiaridades e vulnerabilidades que podem afetar a constância na participação do projeto, portanto, dificultando a execução pelos mesmos. Porém, percebemos que o projeto vai aos poucos caminhando na direção de dar maior autonomia ao povo em situação de rua na elaboração do jornal. Com o passar das edições, a participação da população da rua na produção de “A Laje” foi sendo gradativamente mais efetiva em relação aos apoiadores. Além dos temas, que sempre foram

definidos prioritariamente pela população de rua participante, os textos começaram a ser escritos pelos seus integrantes, individualmente ou em conjunto durante as reuniões.

Outro fator importante de mencionar é que o jornal foi aos poucos, também, deixando de veicular matérias relativas ao âmbito político do Movimento para dar lugar aos assuntos levantados pela população dser percebidoe rua, que não é necessariamente integrante do MNPR. Um último fator que já é possível perceber é a gradual autonomia da população de rua. Esse é o grande desafio pois a intenção é que o periódico tenha um caráter aproximativo junto ao seu público e menos formalizado. A formalização excessiva poderia acarretar num distanciamento indesejável com o público. O posicionamento dos moradores que comparecem às reuniões e o do MNPR costuma estar alinhado, tratando-se, majoritariamente, da luta pelos direitos humanos; conscientização pela diminuição do preconceito e denúncias.

Quanto à linguagem, o objetivo principal é, simultaneamente, aproximar-se do modo de expressar-se dos moradores de rua, para que a leitura seja atrativa a eles, mas também exercer um formato e linguagem jornalística, para que o jornal possa ser lido com facilidade também por terceiros e fazer parte da representação política do MNPR em eventos e divulgações. A conscientização de outros públicos por meio do jornal também é importante.

Tais fatos exigem uma atenção na elaboração do discurso, mas, diferente do que possa primeiramente ser pensado, os textos elaborados por habitantes de rua não costumam exigir grandes readequações. Portanto, conclui-se também que, embora existam dificuldades na produção do material pelos mesmos, existe o interesse e pré-disposição em participar e contribuir com um meio de comunicação alternativo, em que não apenas profissionais e técnicos de comunicação são aptos ao trabalho.

Entre os efeitos que o jornal criou na população de rua, não podemos, ainda, mencionar nenhum dado qualitativo ou quantitativo que comprove a eficácia do meio de comunicação sobre o público de interesse. Nossas observações tiradas pelo contato direto com a população de rua, entretanto, permitem que tiremos algumas conclusões que mostram efeitos favoráveis do projeto sobre a população de rua, que não estão necessariamente ligados ao conteúdo do jornal em si. Percebemos, por exemplo, que o simples fato de durante as reuniões eles poderem expressar os problemas e serem ouvidos já cria um efeito positivo em relação à autoestima.

É interessante também ressaltar que, nos encontros casuais com essas pessoas pela rua, é comum haver o agradecimento deles pelo nosso trabalho; a impressão que fica é que só o fato de haver pessoas externas a elas estarem os auxiliando em algo – e de maneira respeitável, algo que de acordo com seus depoimentos nem sempre ocorre no tratamento que recebem do poder público – lhes proporciona a esperança por melhores condições.

Em relação ao jornal, percebemos que, embora a participação da população de rua esteja aumentando, ela ainda está aquém do esperado em um jornal que representa pelo menos 2800 pessoas no município, de acordo com avaliação do MNPR. Durante todo o processo, dezenas de moradores de rua contribuíram em algum momento para a produção das edições.

A ideia de se fazer um jornal de grande tamanho e tiragem ainda se mantém, porém a limitação não é apenas de recursos estruturais, faltando principalmente um maior envolvimento da população de rua para que o conteúdo de um jornal de grande porte possa representar realmente a voz desse povo. Mesmo assim, com o envolvimento crescente dos moradores de rua, acreditamos que um jornal feito em uma folha A3 (dobrando o tamanho do jornal) já foi possível de realizar, mantendo a qualidade e o caráter representativo da população de rua.

Há enormes dificuldades em se produzir um jornal que represente a voz da população de rua, e aumentar o envolvimento desse público sobre o veículo é um dos grandes desafios atuais. O ideal do Núcleo de Comunicação e Educação Popular é de prestar assessoria até a emancipação e produção própria dos meios pelos movimentos, e no caso de o “A Laje”, ainda deverão ser experimentadas e estudadas as maneiras mais adequadas de tal encaminhamento.

Os membros do Núcleo de Comunicação e Educação Popular da Universidade Federal do Paraná (NCEP – UFPR) já estão implementando uma pesquisa para avaliar o nível de entendimento dos moradores em situação de rua antes e depois da circulação do A Laje.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BASTOS, C.; TOSELI, c; ARQUINO Jr., F.; BOVE, M; OLIVEIRA, M.; Manoel, R - **Pastoral da Rua: Vida e Missão**. São Paulo: Edições Loyola; 2003.

**Fórum de debates sobre a população em situação de rua**. Site consultado em 18 de agosto de 2011. <http://debaterua.atspace.com/bibliografia/bibliografia.htm>.

GIORGETTI, C. **Moradores de rua - Uma questão social?** São Paulo: PUCSP-EDUC; 2006.



GREGORI, M. F. **Viracao: Experiências de meninos nas ruas**. São Paulo: Companhia das Letras; 2001.

MAGNI, C. T. **Nomadismo Urbano: uma etnografia sobre moradores de rua em Porto Alegre**. Porto Alegre: EDUNISC; 2006.

NASSER, A. **Sair para o mundo: trabalho, família e lazer na vida dos excluídos**. São Paulo: Hucitec; 2001.

PERUZZO, C. **Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania**. Disponível em: <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/5/57/GT2Texto011.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2011.

VIEIRA, MAC, BEZERRA EMR, ROSA CMM. **População de Rua - Quem é, Como Vive, Como é Vista**. 2a ed. Sao Paulo: Hucitec; 1994.